

(XP) V S em Português Medieval*

Maria Alexandra Fiéis
Universidade Nova de Lisboa

0. Introdução

As línguas V2 rígidas caracterizam-se pela ocorrência do verbo flexionado na segunda posição da oração, imediatamente precedido por um XP, sem que sobre este incida qualquer tipo de restrição quanto à sua função sintáctica. Nestes casos, e de acordo com a análise tradicional da Gramática Gerativa, o Verbo move-se para o núcleo C e o constituinte XP que o precede ocorre na posição de [Spec, CP], na derivação seguinte:

$$[_{CP} \text{ XP C } [_{IP} \text{ NP I } [_{VP} \dots \text{ V } \dots]]]$$

O Francês Antigo (FA) é o caso típico de uma língua que, no decurso da sua evolução histórica, terá perdido a restrição V2. De acordo com Roberts 1993, em estádios anteriores da língua, os casos de V1 e V3 eram raros, bem como a ocorrência do sujeito em primeira posição de frase, estando estes fenómenos directamente relacionados com propriedades do núcleo C, que continha traços de Acordo. Todos estes factores conjugados contribuem para classificar o FA como uma língua V2. No entender de Roberts, estas restrições foram sendo perdidas no decurso da evolução da língua, em directa correlação com a perda do Sujeito nulo e da possibilidade de inversão Sujeito-Verbo nas orações interrogativas com sujeitos lexicais.

Relativamente ao Português Medieval (PM), há autores que defendem um tipo de percurso semelhante ao ocorrido no FA, nomeadamente Torres Morais 1993 e Ribeiro 1995. Contudo, nem a perda do sujeito nulo nem a perda dos contextos de inversão em interrogativas poderão servir de argumentação, uma vez que persistem no Português Europeu Contemporâneo (PEC). Para as referidas autoras, a evolução verificada no PM está directamente relacionada com a atribuição de Caso Nominativo. Ribeiro (*Ibid.*) analisa sobretudo orações independentes (nas dependentes o núcleo C está ocupado) que apresentam a ordem XP V (S), já que, ao contrário do que se observa nas línguas germânicas, o sujeito em primeira posição de frase “mascara” a subida de V para C.

* Este trabalho foi realizado no âmbito de uma bolsa de Doutoramento financiada pelo Programa Praxis XXI da Fundação para a Ciência e a Tecnologia. Agradeço ao João Costa as sugestões e comentários a este trabalho.

Neste trabalho, tendo por base textos literários e não-literários dos séculos XIII a XVI, mostramos que o PM não exhibe efeitos V2, tal como defende também Kaiser 1999, e que, ao contrário do que defende Ribeiro, se o PM fosse uma língua V2, ainda que residual, seriam esperados mais contextos de inversão em frases raiz. Além disso, os exemplos de ordens V S atestados no nosso *corpus* correspondem, maioritariamente, a contextos inacusativos, os quais apresentam um maior número de sujeitos pós-verbais nas Línguas de Sujeito Nulo como o Português.

1. A Sintaxe V2

O fenómeno V2 associa-se normalmente à descrição das línguas germânicas, no sentido lato de subida do Verbo para fora do domínio da IP (para C). No entanto, não se trata de um fenómeno homogéneo já que pode ser de dois tipos, podendo ainda variar de língua para língua. Nos pontos 1.1. e 1.2. apresentamos um breve resumo do que caracteriza a sintaxe V2 em dois grupos de línguas com comportamentos sintácticos que se assemelham quando falamos de frases independentes, mas que divergem quanto aos contextos subordinados. Falamos de V2 assimétrico, ou rígido, como o que se observa no Alemão e no Holandês, e V2 simétrico, ou não rígido, como o do Yiddish e do Islandês, e que a seguir se descrevem sucintamente antes de entrarmos nos dados do PM propriamente dito.

1.1. V2 assimétrico

Nas línguas V2 assimétricas, como o Alemão e o Holandês, descritas por den Besten 1983, Vikner 1995 e Schwartz & Vikner 1996, entre outros, o fenómeno V2 é descrito como a ocorrência do Verbo finito em segunda posição nas orações principais, antecedido por um qualquer constituinte, inclusive o Sujeito. Este alinhamento na ordem dos constituintes é possível porque o Verbo subiu para o núcleo C (na análise tradicional da Gramática Generativa), como nos exemplos em (1), retirados de Vikner 1995, pp. 39 e 41.

- | | | | | | | |
|-----|--|-----|------|-----|----|---|
| (1) | a. Dieses Buch hat Peter gelesen. | OD | Vaux | SUJ | V | |
| | b. Vielleicht hat Peter dieses Buch gelesen. | ADV | Vaux | SUJ | OD | V |
| | c. Die Kinder sahen den Film. | SUJ | V | OD | | |

Nas orações subordinadas, porque o núcleo C é lexicalmente preenchido, a subida do Verbo é bloqueada, pelo que este surge em posição final. Ou seja, nas orações subordinadas das línguas V2 assimétricas o Verbo não se encontra na segunda posição, ao contrário do que acontece nas orações principais. Há, no entanto, excepções, sempre que o complementador não é realizado (em estruturas recursivas), ou em subordinadas introduzidas por verbos “bridge” (*sagen* “dizer”, *glauben* “acreditar/julgar”), a ordem V2 verifica-se. Observem-se as frases em (2).

no primeiro exemplo o complementador *daß* (*que*) bloqueia a subida do Verbo, que é realizado em posição final, em (2b), porque o complementador é nulo, o Verbo da oração subordinada já surge em segunda posição, numa típica configuração V2.

(2) a. Er sagt daß die Kinder diesen Film gesehen haben.

Ele diz que as crianças este filme visto têm

'Ele diz que as crianças viram o filme'

(Vikner 1995: 43)

b. Sie glaubte \emptyset dieses Brot hatte das Kind gegessen.

Ela julgava \emptyset este pão tinha a criança comido

'Ela julgava que a criança tinha comido o pão'

(Schwartz & Vikner 1996: 22)

Concluindo, nas línguas referidas, e em orações subordinadas, sempre que C se encontra preenchido o Verbo ocupa a posição final da frase, caso contrário, se estiver vazio, o Verbo é o segundo elemento da oração e, portanto, V subiu para C e outro constituinte (inclusive o Sujeito) subiu para Especificador de C, como é próprio de uma configuração V2.

1.2. V2 simétrico

As línguas V2 simétricas, como o Yiddish ou o Islandês, caracterizam-se pela ocorrência do Verbo em segunda posição, quer em orações principais quer em subordinadas¹ (cf. Diesing 1990 para o Yiddish, Holmberg 1986 e Vikner 1995 para o Islandês). Assim, são línguas que apresentam V2 nas orações principais e nas subordinadas. Observem-se os exemplos (3) do Yiddish (Diesing 1990: 44) e (4) do Islandês (Vikner 1995: 101):

(3) a. Dos bukh hot Max geleyent.

O livro tem Max lido

'O Max leu o livro'

¹ Nestas línguas, nas orações subordinadas, o Verbo não é final, como acontece nas línguas V2 assimétricas, mas também não está em C, porque este núcleo está ocupado pelo Complementador. Esta é a hipótese defendida por autores como Diesing 1988, 1990; Rögnvaldsson & Thráinsson 1990; Heycock & Santorini 1992, que assumem que, nas subordinadas, não há movimento do Verbo para fora do domínio de IP, sendo o seu núcleo, enquanto que o constituinte que antecede o Verbo é o Especificador desse mesmo núcleo (tanto pode ser uma posição-A, disponível para o Sujeito, como uma posição A', para onde qualquer XP pode subir, incluindo constituintes Wh). Consequentemente, numa análise deste tipo, nas orações principais CP não necessita ser projectado, pois o Verbo não sobe para além do domínio de IP mas, nas subordinadas já precisa ser projectado por forma a alojar o Complementador, ou qualquer traço Wh na posição de Especificador de CP. Opinião divergente têm Schwartz & Vikner 1996, para quem o Verbo sobe sempre para C no Yiddish e no Islandês na maioria dos casos, tanto em principais como em subordinadas, ou seja, CP é sempre projectado (para mais detalhes sobre ambas as hipóteses, para além dos autores citados, veja-se também Schwartz & Vikner 1996, página 30 e seguintes).

- b. Ir zoit visn zayn, mayne libe kinderlekh, az vayn
Vós deveis saber ser minhas queridas crianças que vinho
 ‘Vós deveis saber, minhas queridas crianças, que o vinho
 ken men makhn fun troybn oykh.
 pode alguém fazer de uvas também
 se pode fazer de uvas também’
- (4) a. ... ađ í gær hafa börnin lesiđ bókina
que ontem têm crianças-as lido livro-o
 ‘...que ontem as crianças leram o livro’
 b. ... ađ bókina hafa börnin lesiđ í gær
que livro-o têm crianças-as lido ontem
 ‘...que as crianças leram o livro ontem’

1.3. O Francês Antigo

Passando agora aos dados da diacronia, começamos pelo FA, uma língua românica que, em dado período da sua evolução, foi uma língua V2 de Sujeito Nulo. O caso do FA, conforme descrito inicialmente por Adams 1988 e também por Roberts 1993, caracterizava-se exactamente por exhibir o Verbo em segunda posição nas orações principais e, nas subordinadas, apresentava um comportamento semelhante ao das línguas V2 assimétricas, ou seja, apresentava casos de V2 em subordinadas com verbos “bridge”, (com ou sem complementador, já que este podia ser nulo no FA). Tal era possível porque o núcleo C, que aloja o Verbo nas configurações V2, continha traços de Acordo, que precisavam ser verificados e o Caso Nominativo era atribuído sob Regência ou por Acordo. Observem-se os exemplos de orações principais do FA, com Sujeito Nulo em (5), com o Verbo em segunda posição em (6) e, finalmente, em (7), orações subordinadas com o Verbo igualmente em segunda posição (Roberts 1993: 84-85 e 97, respectivamente):

- (5) a. Einsi partirent del fort de Venise come vos avez oi
Então partiram do forte de Veneza como vocês têm ouvido
 ‘Então partiram do forte de Veneza como ouviram’
 b. Si firent grant joie la nuit
Assim fizeram grande alegria aquela noite
 ‘Assim, fizeram grande festa naquela noite’
- (6) a. Einsit aama la demoisele Lancelot
Então amou a senhora Lancelot
 ‘Então Lancelot amou a senhora’
 b. Desus un pin en est li reis alez²
Sob um pinheiro é o rei ido
 ‘O rei foi para debaixo de um pinheiro’

² Segundo Roberts, o clítico Nominativo *en* faz parte de C pelo que não conta para efeitos V2 (*Idem*: 85).

- c. Quatre saietes ot li bers au costé
Quatro barcos de guerra tinha o barão deste lado
 'O barão tinha quatro barcos de guerra deste lado'
- (7) a. Et il respondirent que de ceste nouvele sont il moult lié
E eles responderam que de estas notícias são eles muito contentes
 'E eles responderam que estão muito contentes com estas notícias'
- b. Or voi ge bien, plains es de mautalant
Agora vejo eu bem cheio estás de más intenções
 'Agora vejo bem que estás cheio de más intenções'

1.3.1. Evolução do FA

O FA deu origem a uma língua de Sujeito obrigatório, ou seja, perdeu a possibilidade de legitimar Sujeitos nulos, e perdeu também a restrição V2. Consequentemente, as ordens V S em interrogativas com Sujeito Lexical deixaram, do mesmo modo, de ser possíveis. A oração **Qui a vu Jean?* deixou de ser possível se *Jean* for interpretado como Sujeito de *Voir*, e era possível no FA.

1.4. O Português Medieval

O PM, tal como o PEC, era uma língua de Sujeito Nulo que, ao contrário da língua actual, permitia mais ordens de constituintes bem como contextos de interpolação múltipla (cl...V) (cf. Fiéis 2001).

No entanto, são vários os autores que têm argumentado tanto a favor como contra o facto de o PM ter passado uma fase V2, ao longo do seu percurso evolutivo. É essa questão que pretendemos rever no ponto seguinte.

1.4.1. Evolução do PM

Autoras como Torres Morais 1993 e Ribeiro 1995 propõem nos seus trabalhos que o PM terá tido um percurso evolutivo semelhante ao do Francês. Ou seja, o PM terá passado por uma fase em que era uma língua V2 não rígida, na qual havia opcionalidade na atribuição de Caso Nominativo. Tal como no FA, o Nominativo tanto era atribuído por Regência, estando os marcadores de flexão em C, o que derivava as ordens V S, como por Acordo, os marcadores de flexão são gerados em I e as ordens S V obtêm-se. De salientar relativamente a estas análises é o facto de serem tratados do mesmo modo contextos com *pro* e Sujeitos lexicalmente realizados, considerando-se que eram legitimados de igual modo.

Autores como Kayser 1999, por seu turno, defendem que o PM sempre foi uma língua não-V2. Kayser difere de Torres Morais e de Ribeiro no sentido em que defende que, no PM, o Caso Nominativo era atribuído apenas por Acordo Especificador-Núcleo e que os marcadores de flexão estão em I, não em C, tal como no

PEC. Como consequência desta análise o PM nunca poderia ser uma língua V2 derivada pela subida do Verbo finito para C (em orações independentes), porque este apenas sobe para o núcleo I.

2. Os dados do CIPM

Passando agora à descrição dos dados recolhidos no CIPM -*Corpus* Informatizado do Português Medieval (ver anexo), analisámos um conjunto de textos literários e não literários dos séculos XIII a XVI, do qual foram extraídos exemplos de construções com verbos que formam pares ergativos, por serem aqueles em que se esperaria encontrar maior variação quanto à realização da ordem dos constituintes. Procurámos, deste modo, evidências que comprovassem, ou refutassem, a ideia de que o PM era uma língua V2, ainda que residual.

O *corpus* que serviu de base a esta descrição é constituído por orações independentes (2.1.) e por orações dependentes (2.2.) com Sujeito realizado lexicalmente apenas, pois nestes casos é fácil observar qual a posição em que o Sujeito ocorre. A dificuldade neste tipo de textos é, sem dúvida, recolher uma grande quantidade de exemplos das diferentes construções que apresentem o Sujeito lexicalizado, já que o PM é uma língua S V O de Sujeito maioritariamente nulo (Martins 2000).

2.1. Orações independentes

A observação das orações independentes com Sujeito expresso permitiu-nos dividi-las em dois grupos que correspondem às sequências: V S e XP V S. No quadro 1 apresentamos, então, o número de ocorrências das ordens V1, ou V S, e V2, ou XP V S, nos séculos XIII a XVI.

Quadro 1: ordens V1 e V2 do séc. XIII ao XVI

	V1	V2	TOTAL
séc. XIII	16	10	26
séc. XIV	36	26	62
séc. XV	2	5	7
séc. XVI	6	2	8
Total	60	43	103

Num total de 103 orações independentes com Verbo temporalizado contabilizadas, pode-se observar o maior número de ocorrências de V1, ou seja, o Verbo finito ocorre, preferencialmente, em primeira posição. Assim, no quadro seguinte, apresentamos a categoria gramatical dos constituintes deslocados à esquerda na sequência XP V S.

Quadro 2: função gramatical dos constituintes que precedem o Verbo

	Séc. XIII	séc. XIV	séc. XV	séc. XVI	Total
ODwh	1	0	0	0	1
Adjunto	1	23	0	1	25
Advérbio	Disjunto	0	0	1	1
	AdjuntoLug.	6	1	0	7
	Conectivo	2	2	2	7
Oi	0	0	1	0	1
Negação	0	0	1	0	1
Total	10	26	5	2	43

Na análise do quadro 2 devemos ter em conta que, tal como para as línguas germânicas que são V2, os Advérbios Conectivos³ não contam para efeitos V2 (den Besten 1983). Do mesmo modo, em Português, a Negação Frásica não é diagnóstico para V2, ou seja, a Negação em Português é um adjunto verbal, isto é, é clítica (Matos 1999).

O quadro 2 mostra-nos que, num total de 43 ocorrências de V2, os sintagmas que precedem o Verbo são Circunstanciais e representam o maior número de ocorrências, 25, contra 18 de todos os outros constituintes contabilizados. Os Advérbios são o grupo que, a seguir aos Circunstanciais, representa a maior fatia, ou seja, por 15 vezes um advérbio precede o Verbo na sequência XP V S. De salientar, ainda relativamente ao quadro 2, que as situações em que o constituinte que precede o Verbo é um pronome clítico não foram aqui contabilizadas, uma vez que assumimos tratar-se de adjuntos verbais, pelo que não contam como constituinte em posição de Especificador de C. Por exemplo, em (8), o que temos é um exemplo de V1, uma vez que nem o clítico nem o Advérbio Conectivo contam para efeitos V2:

- (8) a. **E assy nos** ajuntou asu~ados a graça de Deos (sd, VS7, 520r)

A análise do quadro permite-nos, pois, concluir que a maioria das sequências V2 encontradas apresentam um sintagma Circunstancial ou um Advérbio à esquerda de V, como nos exemplos (9):

- (9) a. **e de so aq(ue)lle leito** jaziã muit(os) carvões acesos (sd, VS5, 31r)
 b. **E aquí** se acabou o reyno dos Estrogodos (sd, CGE, 47b)
 c. **Prymeyramente** se segue o prollego (1437, LC, sf)
 d. **(e) no dito campo** se parte a metade (1540, DN208, sf)

³ Relativamente aos Advérbios, utilizamos aqui a classificação de Quirk et alii 1972.

Por si só, este tipo de derivação não é motivação especial para sustentar que se trata de uma configuração V2, em que V teria subido para C, do mesmo modo que não há motivação especial para sustentar que essa seria a razão para o Sujeito se encontrar na posição pós-verbal, uma vez que exemplos deste tipo são frequentemente atestados no PEC.

Se excluirmos os constituintes que definimos como não contando para efeitos V2, a saber, a Negação e os Advérbios Conectivos, o quadro 2 pode ser refeito como se mostra no quadro 3:

Quadro 3: ordens V1 e V2 do séc. XIII ao XVI

	V1	V2	TOTAL
séc. XIII	18	8	26
séc. XIV	39	23	62
séc. XV	5	2	7
séc. XVI	7	1	8
Total	69	34	103

No quadro 3, podemos observar um aumento nos números da primeira coluna, o que vai de encontro à tendência V1 em orações independentes do nosso *corpus*.

2.1.1. Ordens V2 em construções inacusativas

Contabilizados os dados relativamente a V2 e determinada a função sintáctica dos constituintes que precedem o Verbo neste tipo de sequência, pôs-se a questão de determinar o tipo de contexto em que as ordens V2 atestadas ocorrem. Como hipótese colocada à partida, interessava-nos testar se as sequências V2, ou XP V S, ocorreriam maioritariamente em contextos inacusativos, porque elas são também possíveis no PEC. Observe-se o quadro 4:

Quadro 4: sequências XP V S em contextos transitivos / inacusativos

	séc. XIII	séc. XIV	séc. XV	séc. XVI	Total
Transitivas	1	3	0	0	4
Inacusativas	7	20	2	1	30
Total	8	23	2	1	34

A análise do quadro 4 permite-nos, pois, concluir que as ordens V2, ou XP V S, encontradas ocorrem preferencialmente em contextos inacusativos, 30, contra apenas 4 transitivos. O que de facto poderá ser mais um argumento contra a ideia de

que o PM era uma língua V2, isto porque as ordens atestadas com inversão do Sujeito e com constituintes deslocados à esquerda são típicas de contextos inacusativos e não são, de modo algum, incomuns actualmente.

2.1.2. Ordens V1

Analisemos agora as sequências V1 encontradas, que são 69, e se encontram contabilizadas no quadro 5. Optámos por distinguir, por um lado, construções com o Verbo em início absoluto de oração e, por outro, orações com o Verbo antecedido por *E/Ca*.

Quadro 5: Ordens V1 absolutas / não absolutas

V1	séc. XIII	séc. XIV	séc. XV	séc. XVI	Total
introduzido por E/CA	12	18	2	4	36
início absoluto	6	21	3	3	33
Total	18	39	5	7	69

Podemos observar que os números da coluna mais à direita são muito aproximados, o que indica que estas conjunções não são relevantes no que respeita à ordem de constituintes da oração que introduzem. Esta observação corrobora Mattos e Silva 1989, para quem não há diferença entre V1 com o verbo em início absoluto e V1 com o verbo introduzido por Conjunção (*E/Ca*), uma vez que as Conjunções em causa não contam porque estão fora do domínio frásico.

2.1.3. Conclusão: orações independentes

Relativamente a este ponto do trabalho podemos concluir que o PM não é V2 rígido como são algumas línguas germânicas e por três razões que decorrem da observação dos nossos dados: em primeiro lugar, nas orações independentes com Verbo finito, este não é obrigatoriamente o segundo elemento da oração, é, na maior parte dos casos, o primeiro constituinte; em segundo lugar, quando há V2, tal verifica-se, quase na totalidade, em estruturas inacusativas; finalmente, e decorrente das observações anteriores, os contextos com constituintes deslocados à esquerda podem ser analisados como V1 se considerarmos que estes estão fora do domínio de CP.

2.2. Orações dependentes

Analisando agora as orações dependentes, com o intuito de testar a segunda hipótese de que o PM era V2 não rígido, foram consideradas orações dependentes com Complementador (*que/se*) e Sujeito lexicalmente expressos, pois só assim se

pode comparar com o Yiddish e o Islandês, as línguas que vimos serem simétricas, ou V2 não rígido. No quadro 6 apresentamos o número de ocorrências que satisfazem o requisito enunciado acima, e são 23.

Quadro 6: Ordens V1 e V2 em orações dependentes

	séc. XIII	séc. XIV	séc. XV	séc. XVI	Total
COMP V S	4	11	3	3	21
COMP X V S	1	1	0	0	2
Total	5	12	3	3	23

Concluimos, pois, que também no caso das orações dependentes com complementador *que/se* expresso, se observa a preferência pela sequência COMP V S, em todos os séculos, com um total de 21 ocorrências contra apenas 2 ocorrências de COMP X V S. Nestas duas ocorrências os constituintes que surgem realizados entre o Complementador e o Verbo são Complementos Circunstanciais. Observe-mos agora alguns exemplos que ilustram cada um dos casos, começando pelas sequências que apresentam V1, ou COMP V S, em (10), seguidos dos exemplos de V2, ou COMP X V S, em (11).

- (10) a. Hu~a cousa que fica depois **que se parte** a ssanha, por a perda que recebe, ou por o desejo que nom comprio (1437, LC, 20r)
 b. espera ella com os tamgeres **que se queime** ho marido (sd, CRB, sf)
- (11) a. o dano seya daquei que o (con)parou e a prol outrosy, **se enalgu~a cousa mellorar** a cousa uenduda (1280?, FR, 116r)
 b. nem hu~a cousa que aa estorya d'Esanha perte~e~ça se nom esto: **que, enno quinto ãno, entrou** hu~u~ judeu em hu~a igreja (sd, CGE, 47c)

2.2.1. Conclusão: orações dependentes

Podemos, pois, concluir, que o PM não é V2 simétrico como o Yiddish ou o Islandês. Se assim fosse, haveria maioritariamente contextos V2 em subordinadas com complementador expresso, o que não acontece, verifica-se exactamente o oposto, a tendência para V1, 21 contra apenas 2 casos de V2.

3. Análise

A análise que propomos vai defender que o PM é uma língua de Sujeito Nulo com ordem básica (S) V O. No *corpus* textual analisado contabilizámos um número importante de orações com Sujeito Nulo, mais concretamente 938 exemplos num total de 2040 ocorrências (que incluem orações dependentes e independentes com verbo finito). Ou seja, as orações com Sujeito Nulo representam um universo de

46% da totalidade dos casos, quase a metade dos exemplos analisados. Importante é também salientar que, nas restantes 1102 ocorrências com o Sujeito expresso, 864 correspondem à configuração SV e 264 apresentam a ordem VS. Este é, sem dúvida, um argumento adicional em favor da nossa proposta e também da ideia enunciada na Introdução de que o Sujeito em primeira posição de frase “mascara” a subida de V para C.

Tal como defende Kayser 1999, no PM os marcadores de flexão são gerados em I, como sucede actualmente no PEC, e não em Comp, pelo que o Verbo não sobe para C mas apenas para I, derivando a ordem S V. Nas sequências C V S, estando o núcleo C lexicalizado, o Verbo sobe para I, enquanto que o Sujeito fica à sua direita.

Em relação às ordens XP V S atestadas no nosso *corpus* (maioritariamente deslocções à esquerda de circunstanciais), estas poderão ser analisadas como Topicalizações. Nestas construções, os constituintes iniciais estão fora do domínio frásico, i.e., de CP (cf. Duarte 1987), pelo que contam apenas como instâncias de sequências TOP CP, em que os constituintes V S se encontram no interior de IP. É de salientar que as sequências XP V S, ocorrem, preferencialmente, em estruturas inacusativas, nas quais o sujeito está numa posição mais baixa, à direita de V, e os constituintes iniciais são tópicos, pelo que não constituem argumento a favor de uma configuração V2 para o PM.

4. Conclusões

Finalizamos reiterando a ideia enunciada na Introdução de que o PM não é uma língua V2 rígida, ou assimétrica, como algumas línguas germânicas, tendo em conta as conclusões do ponto 2.1., ou seja, a maioria das orações independentes são VI e os exemplos de V2, com Sujeito pós-verbal, são, quase na totalidade, contextos inacusativos. Para além disso, o PM também não é V2 não rígido, ou simétrico, como o Yiddish ou o Islandês, pelas razões enunciadas em 2.2., a saber, a maioria das orações subordinadas com complementador expresso são VI e os contextos com o Verbo em segunda posição são todos inacusativos.

Concluimos, pois, que o PM não é uma língua V2, sendo os poucos exemplos de XP V S, ou V2, encontrados em contextos inacusativos.

5. Referências :

- ADAMS, M. (1988) “Les Effets V2 en Ancien et en Moyen Français”, in Hirschbühler, P. & A. Rochette (eds.) *Revue Québécoise de Linguistique Théorique et Appliquée* 7, 13-40.
- DEN BESTEN, H. (1983) “On the Interaction of Root Transformations and Lexical Deletive Rules”, in Abraham, W. (ed.) *On the Formal Syntax of Westgermania*, Amsterdam, John Benjamins, 47-131.

- DIESING, M. (1988) "Word Order and the Subject Position in Yiddish", *Proceedings of NELS 18*, 124-140.
- DIESING, M. (1990) "Verb Movement and the Subject Position in Yiddish", *Natural Language and Linguistic Theory* 8, 41-79.
- DUARTE, I. (1987) *A Construção de Topicalização na Gramática do Português: Regência, Ligação e Condições sobre Movimento*, Diss. de Doutoramento, Universidade de Lisboa.
- FIÉIS, M.A. (2001) "Interpolação em Português Medieval como Adjunção a XP", in *Actas do XVI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, Lisboa, Colibri, 197-211.
- HEYCOCK, C. & B. SANTORINI (1992) "Head Movement and the Licensing of Non-Thematic Positions", ms., Oakland University and Northwestern University [comunicação apresentada na WCCFL 11].
- HOLMBERG, A. (1986) *Word Order and Syntactic Features in the Scandinavian Languages and English*, Diss. de Doutoramento, Universidade de Stockholm.
- KAYSER, G. A. (1999) "A Ordem de Palavras e a Posição do Verbo Finito no Português Antigo", in *Actas do Congresso Internacional organizado por motivos dos vinte anos do Português no Ensino Superior*, Budapeste, 248-261.
- MARTINS, A. M. (2000) "On Word Order Variation and Change: the Loss of IP-scrambling in Portuguese", Comunicação apresentada ao *Going Romance*, Utrecht.
- MATOS, G. (1999) "Negação Frásica e Concordância Negativa em Português Europeu", in *Actas do XIV Encontro Nacional da APL (Aveiro)*, Lisboa, Colibri, 197-218.
- MATTOS E SILVA, R. V. (1989) *Estruturas Trecentistas. Elementos para uma Gramática do Português Arcaico*, Lisboa, I.N.C.M..
- QUIRK, R. et alii (1972) *A Grammar of Contemporary English*, London, Longman (9ª edição corrigida, 1980).
- RIBEIRO, I. (1995) "Evidence for a Verb-Second Phase in Old Portuguese" in Battye, A. & I. Roberts (eds.) *Clause Structure and Language Change*, Oxford, Oxford University Press, 110-139.
- ROBERTS, I. (1993) *Verbs and Diachronic Syntax: a Comparative History of English and French*, Dordrecht, Kluwer.
- RÖGVALDSSON, E. & H. THRÁINSSON (1990) "On Icelandic Word Order Once More" in Maling, J. & A. Zaenen (eds.) *Modern Icelandic Syntax (Syntax and Semantics 24)*, San Diego, Academic Press, 3-40.
- SCHWARTZ, B. & S. VIKNER (1996) "The Verb Always Leaves IP in V2 Clauses", in Belletti, A. & L. Rizzi (eds.) *Parameters and Functional Heads*, New York/Oxford, Oxford University Press, 11-62.
- TORRES MORAIS, M. A. (1993) "Aspectos Diacrônicos do Movimento do Verbo, Estrutura da Frase e Caso Nominativo no Português do Brasil", in Robert, I. & M. Kato (orgs.) *Português Brasileiro. Uma Viagem Diacrônica*, Campinas, Unicamp, 263-306.
- VIKNER, S. (1995) *Verb Movement and Expletive Subjects in the Germanic Languages*, New York/Oxford, Oxford University Press.

ANEXO: Constituição do *corpus* analisado

Pretendemos agrupar um conjunto de textos literários e não literários que se pudesse manter estável ao longo dos séculos em estudo. Foi possível analisar o mesmo grupo de textos não literários do século XIII ao século XVI, nomeadamente os documentos que se incluem na *História do Galego-Português*, de Maia 1986, e os *Documentos Notariais* editados por Martins 1994 (os documentos dos séculos XIV ao XVI, usados para efeitos deste trabalho, correspondem a um conjunto de textos revistos pela autora em 1999). Contudo, e no que toca aos textos literários, a diversidade é maior, pelo que foi necessário seleccionar, de entre os textos informatizados constantes do CIPM, aqueles que é suposto terem sido produzidos em território nacional, mesmo sendo cópias tardias, como no caso das *Vidas de Santos* editadas por Castro et alii 1985.

Assim, foram seleccionados os seguintes textos digitalizados constantes do CIPM:

Século XIII: *História do Galego-Português* (HGP); *Clíticos na História do Português* (CHP) e *Vidas de Santos* (VS).

Século XIV: *História do Galego-Português* (HGP); *Documentos Notariais* (DN) e *Crónica Geral de Espanha de 1344* (CGE).

Século XV: *História do Galego-Português* (HGP); *Documentos Notariais* (DN) e *Leal Conselheiro* (LC).

Século XVI: *História do Galego-Português* (HGP); *Documentos Notariais* (DN) e *Crónica dos Reis de de Bisnaga* (CRB).

Textos aos quais juntámos o texto da *Carta de Pêro Vaz de Caminha* (CPVC) baseada na edição impressa de Guerreiro e Nunes 1974.

No quadro seguinte resume-se o *corpus* textual estudado:

Século	Número de Palavras
Século XIII	84.222
Século XIV	147.650
Século XV	183.748
Século XVI	76.154
Total	491.774